

# Pode Skinner Resolver o Problema da Consciência?

*(Can Skinner Solve The Problem Of Consciousness?)*

João Henrique Lima Almeida<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana–UEFS

(Brasil)

## RESUMO

Trata-se de utilizar, tanto da noção explícita de B. F. Skinner de consciência como autoconhecimento descritivo, quanto das extensões encontradas implicitamente em sua obra de consciência como autoconhecimento por contato e comportamento do ponto de vista do organismo que se comporta, para avaliar se essas formulações são capazes de oferecer uma resposta ao que ficou conhecido como “problema difícil da consciência”. Perguntamo-nos, nesse sentido: como a consciência surge de um estófo físico? Chega-se à conclusão de que o comportamento do ponto de vista do organismo que se comporta só pode ser isolado no que é possível chamar de consciência fenomênica através do desenvolvimento de auto-tatos abstratos de eventos privados sendo, portanto, um produto social. O aspecto biológico da assim chamada consciência fenomênica não passa da própria capacidade de um organismo de responder a estímulos, o que se confunde com a própria origem da vida e não possui grande relevância para o desenvolvimento de uma ciência do comportamento ou psicológica. Afinal de contas, de um ponto de vista skinneriano, a consciência é uma função e não uma entidade, ou seja, ela não pode ser encontrada no cérebro, mas na relação funcional socialmente discriminada do corpo humano para consigo mesmo.

*Palavras-chave:* Autoconhecimento, Behaviorismo, Consciência, Eventos Privados, Tato

## ABSTRACT

We use both B. F. Skinner’s explicit notion of consciousness as descriptive self knowledge and the extensions found implicitly in his work on consciousness as self knowledge through contact and behavior from the point of view of the behaving organism to assess whether these formulations are capable of offer an

---

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: João Henrique Lima Almeida; Rua da Pataíba, 4, Centro. Biritinga-BA, Brasil, 48780-000. E-mail: joaohlalmeida@gmail.com

answer to what has become known as the “hard problem of consciousness”. In this sense, we ask: How consciousness emerges from physical stuff? For an effective appropriation of the concept of consciousness it is necessary to trace the entire conceptual and practical network, which involves sensorially responding, knowing, tacting, describing and the notions of listener, audience, verbal community, self-control and self. The conclusion is reached that behavior from the point of view of the behaving organism can only be isolated or abstracted in the form that is called phenomenal consciousness through the development of abstract self-tacts of private events and is therefore a social product. This means that so-called sensory data are, at some level, constructions of language. The biological aspect of the so-called phenomenal consciousness is nothing more than the ability of an organism to respond to stimuli, which is confused with the very origin of life and does not have great relevance for the development of a behavioral or psychological science. After all, from a Skinnerian point of view, consciousness is a function and not an entity, that is, it cannot be found in the brain, but in the socially discriminated functional relationship of the human body to itself. The conceptual and practical clarification of the notion of consciousness equips the scientist to radically investigate a set of phenomena of human life still tied to the modernist paradigm, such as awareness, intention and deceit. In this way, the hard problem of consciousness, as far as psychological science is concerned, is considered to have been softened.

*Keywords:* Self-knowledge, Behaviorism, Consciousness, Private events, Tact, Phenomenality

“Talvez o problema mais difícil enfrentado pelo behaviorismo tenha sido o tratamento do conteúdo consciente”, já disse Skinner (1976/1982, p. 65). Conteúdo consciente, dados da consciência, experiência subjetiva, qualia, muitos são os nomes dados às entidades buscadas, frequentemente no cérebro, para explicar a fenomenalidade humana. Percebemos fenômenos, mas como? Se se assume que o estofado do mundo é de apenas um tipo, o problema aumenta. Se o mundo se reduz a fenômenos, há algo extra-fenômico? Se os fenômenos são coisas físicas, como elas são produzidas? Se os fenômenos são produzidos por coisas, como as coisas traduzem-se em fenômenos?

O problema mais difícil do behaviorismo repousa justamente sobre a segunda questão. A solução de Watson (1913/2008, p. 292) é conhecida: “Parece ter chegado a hora em que a psicologia deve descartar toda referência à consciência”. A consciência foi excluída da Psicologia enquanto estudo do comportamento, nessa perspectiva. De um ponto de vista lógico, também já se tentou defletir o estudo da consciência para a observação das coisas através da tradução de sentenças psicológicas em sentenças físicas, como se observa em Carnap (1933). Ambas são soluções behavioristas, mas que rejeitam ou desviam do problema ao invés de encará-lo.

É exatamente Skinner (1945/1999c) quem confere radicalidade ao programa behaviorista ao apontar a necessidade de uma ciência do comportamento verbal que explique a função dos termos psicológicos, como “consciência” para o comportamento humano. Dentro de um quadro monista – o estofado do mundo é de um só tipo – compreender os usos de termos como “consciente” e “consciência”

implica desvelar os acontecimentos determinantes e determinados por eles, como a fenomenalidade.

O uso intransitivo de ‘estar consciente’ não parece dizer mais que ‘estar acordado’. Em termos behavioristas, estar amplamente responsivo a estímulos. Os usos transitivos, que acrescentam o “de algo”, inserem outros significados, como “ter conhecimento” de algo ou de si. A expressão substantiva de ‘consciência’ adere a outros tipos de usos, que pode significar desde uma “capacidade de autocontrole” até um “estofo mental”, ou mesmo a “experiência subjetiva”. Todo um *hard problem*, tal como reconhecido por Chalmers (1995/2004) se erige sobre esse último uso. Como a experiência subjetiva se origina? Como ela, que chamamos aqui também de fenomenalidade, pode ser explicada a partir de acontecimentos físicos? Com alguma investigação, tencionamos traçar uma continuidade entre usos tão variados de “consciência” a partir da radicalidade de Skinner e estabelecer uma resolução, dissolução ou mesmo um amolecimento desse duro problema.

Escritos behavioristas sobre o tema, como os de Holland (1981), De Rose (1982) e Zilio (2011), apresentam definições behavioristas de “consciência”, no entanto, apenas o último inclui o que se pode chamar de “consciência fenomênica”, inclusive, no caso do último, em diálogo direto com o problema em questão. Contudo, os artigos selecionados não suprem lacunas teóricas acerca de como e através de quais processos comportamentais se desenvolve o aspecto fenomênico da consciência. No esforço de elaborar uma tese que preencha, mesmo que parcialmente, tal lacuna selecionamos como fonte primária os livros nos quais Skinner forjou de maneira mais completa sua ciência, que são *Ciência e Comportamento Humano* (1953/2003) e *Verbal Behavior* (1957/2014). Ainda, não nos furtamos de utilizar, como pano de fundo, textos anteriores e posteriores à figura conceitual composta pelas duas obras citadas que tematizam a “consciência”, “eventos privados” e “termos psicológicos”. Esta seleção de pano de fundo, que foi cuidadosamente lida e fichada, contou com *The Operational Analysis of Psychological Terms* (1945/1999c) e *A Critique of Psychoanalytic Concepts and Theories* (1954/1999a) da coletânea *Cumulative Record* (1999b), *About Behaviorism* (1976) e *O Eu iniciador* (1989/2005). Para situar o “problema difícil da consciência” e soluções filosoficamente possíveis, dialogamos com os textos de Block (2007), Nagel (1974/2013) e Chalmers (1995/2004). Dentre os comentadores acima citados, aquele que maior impacto teve sobre nossa pesquisa foi Zilio (2011), de cujo artigo este pretende ser continuador.

### *Consciência em Skinner*

O predicado mais comum quando se trata de consciência em Skinner é “produto social” (De Rose, 1982; Holland, 1981; Zilio, 2011). O próprio Skinner diz já na década de 1940 que “estar consciente [conscious], como uma forma de reagir ao próprio comportamento, é um produto social” e que o “indivíduo se torna consciente [aware] do que está fazendo apenas após a sociedade ter reforçado respostas verbais a respeito do seu comportamento como fonte de estímulos discriminativos” (1945/1999c, p. 379). Em outro artigo na década seguinte diz que o indivíduo “está

consciente das partes [do comportamento e das relações causais] que consegue descrever e inconsciente do resto” (1954/1999a, p. 279). Essa é a definição mais comum de consciência nos escritos sobre Skinner e o behaviorismo radical: descrição do próprio comportamento. Em sua topografia, função e repertório, como nos aponta Zilio (2011). Não se trata, no entanto, de toda e qualquer descrição.

A descrição é, por definição, uma resposta verbal e uma resposta verbal é, por definição, um produto social por ser conseqüenciada pela mudança de comportamento do ouvinte (Machado, 1997). Essa descrição depende da capacidade da comunidade verbal de colocar o indivíduo sob controle discriminativo de propriedades do seu comportamento, o que significa que há descrições adequadas e inadequadas (de Rose, 1982). Não diríamos que está consciente do seu comportamento uma pessoa que descreve estar andando a cavalo quando na verdade está deitada em sua cama. Nesse sentido, a descrição que caracteriza a consciência precisa manifestar um saber, ou seja, ser autoconhecimento (Tourinho, 1995).

Skinner, todavia, não admite apenas o conhecimento por descrição verbal, mas também o conhecimento por contato, como adverte Zilio (2011). Não chamaríamos de consciente o conhecimento de si por contato? Tal como o behaviorismo radical concebe, o contato ocorre através das fontes de estimulação exteroceptiva, propioceptiva e interoceptiva. Existem usos para o termo “consciência” que se aplicam a esse tipo de contato ou responsividade a estímulos: quando uma pessoa desmaia, dizemos que ela está inconsciente e, quando acorda, dizemos que retomou a consciência. Não substituiríamos aqui “inconsciente” por “incapaz de descrever seu próprio comportamento”, mas por “incapaz de responder a estímulos”. Isso quer dizer que o uso comum de “estar consciente” admite uma definição que não é nada mais que estar responsivo a estímulos (Holland, 1975; Zilio, 2011). No entanto, estar responsivo a estímulos não é a mesma coisa que conhecer por contato. O primeiro pode compor um comportamento respondente e o segundo é necessariamente um comportamento operante.

Zilio (2011, p. 11) recupera o exemplo de Skinner do boxeador que foi posto inconsciente para exemplificar o conhecimento por contato: “Skinner fala do boxeador que, por estar ‘inconsciente’, não é sensível às estimulações, sejam elas exteroceptivas, propioceptivas ou interoceptivas, o que significa que ele não as conhece (conhecimento por ‘contato’)”.

Façamos um exercício de pensamento: diríamos que um boxeador posto inconsciente não conhece o ringue, o boxeador adversário, a plateia, suas dores, meramente pelo fato de que foi posto inconsciente? Parece absurda essa afirmação, uma vez que conhecer não é um estado: não deixo de conhecer minha namorada quando durmo ao seu lado e fico inconsciente. Apenas reduzo drasticamente minha responsividade a estímulos. Nesse sentido, esse não é um exemplo adequado para o conhecimento por contato. Exemplos mais adequados são o do rato que sabe sair de um labirinto através do ensaio e erro, do contato com as contingências físicas do labirinto, ou seja, responde discriminativamente a estímulos exteroceptivos; ou o do equilibrista que, para andar por uma corda sem cair, precisa saber responder discriminativamente a estímulos propioceptivos. O rato que “sabe ficar em pé” também precisa responder discriminativamente a estímulos propioceptivos em algum

nível. No primeiro caso é possível falar de conhecimento por contato; nos dois últimos, de autoconhecimento por contato. Com essas ressalvas, é possível defender a conceituação de consciência não-verbal como autoconhecimento por contato.

Há margem para mais alguma noção de consciência para além das descritas? As perguntas cujas respostas podem ser dadas por experimentos em psicologia e neurociências a partir das definições acima constituem o que Chalmers (1995/2004) chamou de “problemas fáceis da consciência”. Por oposição a estes, o problema difícil, para Chalmers, diz respeito à gênese da experiência subjetiva a partir de processos físicos no cérebro ou, nas palavras de Block (2007), a como explicar a fenomenalidade fisicamente. Sabemos que, para Skinner (1967), o estofo do mundo é um só e ele é lidado de modo bem sucedido pela física. Isso quer dizer que há uma negativa ontológica de eventos imateriais na base do behaviorismo radical (De Rose, 1982). Há espaço para admitir tal experiência subjetiva sem trair esse alicerce? Zilio (2011) enxerga tal espaço e propõe o conceito de consciência fenomênica, que nada mais é que o comportamento do ponto de vista do organismo que se comporta. Não se trata aqui de mera estimulação interoceptiva, uma vez que a consciência fenomênica ou experiência, existe tanto em eventos públicos quanto privados. A consciência fenomênica é, por assim dizer, a marca de que, apesar de outros poderem saber o que sinto, apenas eu posso sentir o que sinto. O caso do boxeador se adequa melhor a esse tipo de consciência. O boxeador que retornar à consciência apenas retoma a “fenomenalidade”, a responsividade a estímulos pressuposta a um ponto de vista. É nesse caso que se encaixa o uso intransitivo do verbo “estar consciente”.

As três definições de consciência possuem contribuição de Zilio (2011), uma vez que apenas a consciência verbal se encontra explícita na obra de Skinner. Uma exploração da base conceitual da consciência em Skinner, ou seja, da rede conceitual e prática que envolve tal conceito, nos conduz a verificar em que medida essas definições se sustentam no próprio Skinner e se algo ainda fica de fora no tratamento da consciência.

### *Rede Conceitual*

A ciência, esse vasto ambiente verbal do qual Skinner (1976) fala, é constituída por um conjunto de descrições verbais das coisas do mundo envoltas em práticas, termos e instrumentos científicos sem os quais não se sustenta. Nesse sentido, tratar da coisa “consciência”, avaliar e elaborar descrições, proposições acerca dela, requer um detalhamento dos termos ou conceitos enredados em seu uso cotidiano e científico. Esclarecidos os termos, o cientista precisa ser posto em contato com os fenômenos que envolvem a consciência para que se possa reagir a eles discriminativamente. A seção anterior apresenta um conjunto de conceitos que dão sentido às concepções possíveis de consciência no behaviorismo e que, por isso mesmo, merece maior detalhamento a fim de averiguarmos o alcance explicativo da teoria skinneriana.

*Responder sensorialmente*

Tudo leva a crer que a consciência depende da responsividade a estímulos. Só a partir dessa responsividade podemos descrever estímulos, propriedades de estímulos e situações estimuladoras, estando incluso nosso comportamento, quando somos treinados para responder discriminativamente a ele. A estimulação, que ocorre pelas fontes extero, propio e interoceptiva é respondida pelo nosso corpo de forma pública e privada, estando entre as respostas privadas nossas chamadas funções sensoriais. Ver, ouvir, cheirar, tatear, degustar, nesse sentido, são comportamentos compostos por respostas privadas a estímulos exteroceptivos.

Aquilo que é visto, ouvido, cheirado, tateado, degustado costuma ser tomado como um “dado da consciência” ou “conteúdo consciente”. Skinner (1976) rejeita que os assim chamados dados da consciência sejam cópias mentais do ambiente e que o sujeito se relacione com essas cópias. Na verdade, essas são respostas ao ambiente com o qual o organismo se relaciona diretamente.

A resposta sensorial, no entanto, não é completamente dominada pelo ambiente corrente. A história ambiental, como a herança genética e as contingências previamente expostas, determinam a percepção (Skinner, 1976). Como é impossível que duas pessoas possuam a mesma história ambiental, uma percepção é sempre única. O ponto de vista de um organismo é, por assim dizer, singular.

O comportamento sensorial, enquanto composto por respostas privadas emitidas pelos órgãos sensoriais em resposta a estímulos extero, propio e interoceptivos, constituem, sob o ponto de vista do organismo que se comporta, o que chamamos de consciência fenomênica. Todavia, esses comportamentos não ocorrem unicamente de maneira linear na relação reflexa estímulo-resposta. O que quer dizer que esses comportamentos, para além de respondentes, podem também ser operantes. Trocando em miúdos, comportamentos como o de ver, são também controlados por suas consequências, podendo ter sua probabilidade de emissão aumentada ou diminuída a partir do estímulo que sucede uma emissão particular.

Apesar de ser necessário que eu já tenha visto uma cadeira para que a imagine, não é necessário que ela esteja à minha frente. Imaginar, para Skinner, compõe o conjunto de fenômenos chamados de “ver na ausência do visto”. Um exemplo: cotidianamente, uma cadeira costuma ser reforçadora do comportamento de sentar para quem anda. Se alguém está em presença de estímulos que costumam preceder o sentar, como dor e cansaço nas pernas, mas sem outro estímulo muito frequente e muitas vezes necessário para o sentar, como a visão ou toque de uma cadeira, é comum que se imagine uma cadeira, ou a veja na ausência do objeto visto. Do mesmo modo, se pedimos para que alguém descreva a cadeira que viu dias atrás em uma vitrine, é comum que a imagine, lembre dela, a veja sem ela estar lá. No primeiro caso, ver é um comportamento respondente, pois é uma reação a estímulos interoceptivos, no segundo, é um comportamento operante, pois cumpre a função de estimulação auxiliar a uma descrição verbal, comportamento que costuma ser reforçado pela comunidade verbal quanto mais fiel for a descrição.

O conhecimento, seja por contato, seja por descrição, possui as respostas sensoriais como necessárias. Entrar em contato com algo é ser estimulado sensorial-

mente por ele e saber descrever algo é ser treinado por uma comunidade verbal a emitir determinados comportamentos verbais que, se forem falados, necessitam da audição; se meramente visuais, como em Libras, requerem respostas sensoriais visuais para seu aprendizado. Apesar de não ser necessário responder sensorialmente a determinado objeto para descrevê-lo, é preciso responder sensorialmente à comunidade verbal para aprender a descrição. Skinner (1953/2003), no entanto, retira a ênfase advinda da filosofia moderna na sensação e outros “processos de consciência”, ao enfatizar que o organismo responde como um todo ao ambiente que o cerca e não apenas sensorialmente. Quando estou com as pernas doloridas não respondo apenas visualmente ao estímulo de uma cadeira, mas me comporto caminhando até ela e sentando. A estimulação sensorial é, no máximo, um “elo na cadeia causal” entre ambiente e comportamento. Além disso, uma resposta sensorial não constitui por si só conhecimento. O conhecimento exige uma relação específica entre comunidade verbal e sensibilidade às contingências, como se verá adiante.

### *Conhecer, tatear, descrever*

Dissemos que consciência é autoconhecimento e que o conhecimento pode ocorrer por contato ou por descrição de contingências. Diremos que um rato sabe sair de um labirinto quando ele executa esse comportamento. E ele só pode o executar através do contato com o próprio labirinto. No caso de uma pessoa que sabe sair de um labirinto, esse comportamento pode ser executado não apenas pelo contato com o labirinto, mas também através do contato com regras que descrevem o labirinto e modelam o comportamento de sair do labirinto, como: “vire à esquerda” e “a saída está na terceira direita”. A combinação da exposição a contingências com a exposição a regras que descrevem tais contingências acelera a modelagem de comportamentos que chamamos de “saber algo”. Cumpre destacar que regras também são contingências, mas de um tipo que cumpre função de descrever outras contingências.

Animais não-verbais só podem passar a saber fazer algo através do contato direto com contingências por não serem sensíveis às contingências que chamamos de regras. Por outro lado, um ser humano, ao ter o comportamento governado por regras, não só tem o comportamento modelado mais rapidamente como pode passar a apresentar comportamento verbal de descrição das contingências envolvidas. Ou seja, ele não só aprende a sair do labirinto, mas também a descrever o labirinto.

Skinner (1976/1982) diz que o “conhecimento que permite a uma pessoa descrever contingências é muito diferente do conhecimento identificado com o comportamento modelado pelas contingências. Nenhuma das formas implica a outra” (p. 120). Isso significa que é possível tanto alguém saber sair de um labirinto sem saber descrevê-lo, como é possível alguém saber descrever um labirinto sem nunca ter entrado em contato com ele. Nesse sentido, Skinner acrescenta que nosso conhecimento é ação ou pelo menos regras para a ação. Parafrazeando Francis Bacon, ele afirma que o comportamento operante é o exercício de um poder. Portanto, conhecer é poder se comportar de determinada forma.

Em termos comportamentais, o conhecimento é um operante discriminativo verbal ou não-verbal. O caso não-verbal é relativamente simples, mas o verbal coloca alguns problemas. Como é possível que um comportamento seja descritivo de algo? No caso da consciência verbal, como é possível que um comportamento seja descritivo de outro comportamento? A relação funcional que permite falarmos de descrição é a que Skinner chama de Tato.

O Tato é um operante verbal fortalecido ou evocado por um objeto ou evento particular – ou uma propriedade deles (Skinner, 1957/2014). Como operante verbal, o tato precisa ser reforçado pelo comportamento de outras pessoas que, como veremos adiante, chamaremos de ouvintes. O tato estende o contato dos ouvintes ao ambiente. A sentença “Chove lá fora” é um tato evocado por um evento ambiental e reforçado na presença de ouvintes que não estiveram em contato com esse evento. Um tato como esse é costumeiramente consequenciado por reforços emitidos pelos ouvintes: agradecimentos, atenção ou o início de uma conversa. Do ponto de vista desses ouvintes, o tato cumpre uma função descritiva.

É necessária a existência de uma comunidade verbal para que alguém passe a exhibir um tato. A pessoa passa a falar “chuva” e suas variações em presença do evento “chuva” ao ter o comportamento verbal modelado por outras pessoas. Ambos (falante e ouvinte) precisam ter acesso ao objeto/evento para que o tato seja aprendido.

A consciência verbal deve, nesse sentido, envolver aquilo que pode ser chamado de auto-tato. Para Skinner (1957/2014, p. 134) “auto-observação é também o produto de contingências discriminativas, e se uma discriminação não puder ser forçada pela comunidade, ela pode nunca surgir. Estranhamente, é a comunidade quem ensina o indivíduo a se ‘conhecer’.” Tatear a si mesmo implica discriminar propriedades de seu próprio comportamento. E a comunidade verbal tanto estabelece essa discriminação quanto ensina o operante que tateia a propriedade discriminada. É por isso que a maior parte do que chamamos de autoconhecimento é verbal.

O aprendizado do auto-tato permite a descrição da própria topografia, função e/ou repertório comportamental. A discriminação verbal desses aspectos do comportamento possui efeitos no modo como alguém se comporta, uma vez que esse alguém passa a entrar em contato com novas contingências. Isso nos permite dizer com Tourinho (1995, p. 56) que “não se pode falar de controle do (próprio) comportamento se não se é capaz de descrever este comportamento e as variáveis das quais é função”.

Se é através da apresentação de comportamentos descritivos que o falante se torna consciente do que está fazendo, e é a comunidade verbal que modela tais comportamentos, “é apenas através do crescimento gradual de uma comunidade verbal que o indivíduo se torna ‘consciente’” (Skinner, 1957/2014, p. 139-40).

O auto-tato possui um caso especial: o dos eventos privados. Como a comunidade verbal pode ensinar a alguém a descrever eventos dos quais ela não está em contato? Como essa comunidade pode forçar a discriminação desses eventos? Skinner (1957/2014) fala de quatro maneiras pelas quais isso acontece: [1] O evento que causa uma estimulação privada pode conter ou causar estímulos públicos (acompanhamentos públicos); [2] Um estímulo privado geralmente é acompanhado

de respostas públicas; [3] Propriedades similares do estímulo privado e algum estímulo público (metáfora) ou metonímia com propriedade do estímulo causador; [4] Redução na magnitude do comportamento descrito até ficar encoberto.

Podemos recuperar o caso das respostas sensoriais numa nova qualidade. Apesar da necessidade de respostas sensoriais – como um suposto “elo intermediário numa cadeia causal” – para que alguém possa conhecer qualquer coisa, a possibilidade desse alguém conhecer a resposta sensorial ela mesma depende de outra relação. A comunidade verbal precisa forçar essa discriminação e reforçar um tato a partir de uma ou mais das quatro maneiras citadas. O comportamento de responder discriminativamente à própria resposta sensorial é o que Skinner chama de “ver que se está vendo”. Como é a comunidade verbal quem estabelece esse comportamento, ele só pode ser verbal. É por isso que Skinner chama as sensações de “abstrações e não dados sensoriais primários” (1957/2014, p. 110). Isto é, a descrição de uma sensação é um tato abstrato, um tato evocado pela propriedade de determinado evento. Isso significa que uma pessoa cansada que vê uma cadeira, anda em sua direção e senta é um evento concreto do qual “ver que está vendo” a cadeira só pode ser uma abstração, um resultado de um tato abstrato. É necessário que uma comunidade, ao observar comportamentos como o de alguém de andar em direção a uma cadeira, discrimine a resposta privada (ver) de seus acompanhamentos públicos (voltar os olhos em direção à cadeira; andar), todos evocados pela mesma situação estimuladora. Esse é o processo que permite alguém descrever sua própria fenomenalidade, ou seja, estar consciente dela.

O auto-tato é um operante verbal auto-discriminativo e, como tal, é caracterizado [1] pelo reforço através da mediação de outras pessoas; e [2] pela relação da pessoa consigo mesma. A primeira relação é desenvolvida no behaviorismo radical através dos conceitos de ouvinte, audiência e comunidade verbal e a segunda pelo conceito de eu/self. Exploraremos brevemente esses conceitos a seguir.

### *Ouvinte, audiência e comunidade verbal*

Para um comportamento ser verbal, ele precisa ser reforçado através da mediação de outras pessoas. Skinner refina essa definição ao dizer que essas “outras pessoas” cumprem função de ouvinte. Além do mais, os ouvintes devem responder os falantes “de maneiras que foram condicionadas precisamente para reforçar o comportamento do falante” (1957/2014, p. 225). Há um círculo virtuoso na relação verbal falante-ouvinte: um não poderia existir sem o outro. Isso não significa que não se possa se comportar verbalmente na ausência de um ouvinte, mas que é sempre o ouvinte quem reforça o comportamento verbal. O ouvinte, portanto, cumpre a função de consequência reforçadora do operante verbal.

O ouvinte é também quem usualmente cumpre a função de audiência. A audiência é “um estímulo discriminativo na presença do qual o comportamento verbal é caracteristicamente reforçado e na presença do qual, portanto, é caracteristicamente forte” (Skinner, 1957/2014, p. 172). Nesse sentido, audiência não equivale a ouvinte, apesar de que o primeiro deva ser contingente ao segundo para ser um estímulo que discrimina e altera a possibilidade de execução de determinado operante ver-

bal. Nesse sentido, o camarada com o qual eu debato é ao mesmo tempo audiência e ouvinte. Porém, o túmulo onde um ente querido foi sepultado, apesar de ser audiência (estímulo discriminativo no qual o comportamento verbal é reforçado), não é ouvinte. Nesse caso, quem cumpre o papel de ouvinte é somente o próprio falante.

Ouvintes, falantes, audiência são todos parte de uma mesma comunidade verbal. Skinner (1957/2014) já chegou a empregar “comunidade verbal” como “coleção de ouvintes”. É claro que não se trata de qualquer coleção. Não se trata de uma mera soma de ouvintes ou uma generalização de comportamentos individuais selecionados a nível ontogenético. Uma comunidade verbal está submetida ao nível de seleção cultural e, como tal, é constituída por práticas ou padrões de comportamento transmitidos através de gerações (Mucheroni, 2020).

É a comunidade verbal quem ensina alguém a tatear algo e, sobretudo, tatear-se, como trouxemos acima. Nesse sentido, o auto-tato é um operante desenvolvido através de gerações. Muito embora a maioria dos tatos em si já configurem práticas culturais uma vez que são reforçados por uma comunidade verbal, o tato em relação a si mesmo adere uma camada a mais de cultura. Vejamos.

### *Eu, Self e autocontrole*

O conceito de ‘Self’ ou ‘Eu’ em Skinner (1989/2005) se desenvolve em demarcação ao conceito de ‘Pessoa’. Enquanto que ‘Pessoa’ é um locus, um organismo que adquiriu um repertório comportamental, o ‘Eu’ é o que a pessoa sente a respeito de si própria, o produto de uma história e da evolução da cultura. Isso porque, como já vimos, é o desenvolvimento de uma comunidade verbal que permite respondermos a aspectos do nosso corpo através de contingências verbais especiais. No entanto, entendemos ser demasiado restritiva a concepção de ‘Eu’ ou ‘Self’ como o que a pessoa sente. Existem inúmeros usos do prefixo ‘Self’ que não se resumem a um sentir, como “Self-control” (autocontrole) e “Self-knowledge” (autoconhecimento). Nesse sentido, a noção de Skinner (1953/2003) de ‘Eu’ como um sistema de respostas funcionalmente unificado é mais adequada aos nossos propósitos.

Essa noção de ‘Eu’ em Skinner se dirige contra a noção do ‘Eu’ como causa interior completamente unitária e íntegra, um agente livre. O que existe é um sistema de respostas determinado e funcionalmente unificado que pode co-variado junto com outros sistemas, além da capacidade dos indivíduos inseridos em uma comunidade de responder verbalmente a tais sistemas (Skinner 1953/2003).

O prefixo ‘auto’ em termos como ‘autoconhecimento’ e ‘autocontrole’ delimitam justamente essa capacidade de uma pessoa em responder ao seu próprio repertório comportamental e à topografia e função de comportamentos correntes. Muito embora raramente o organismo se comporte sem responder ao seu próprio comportamento, sem o treinamento de uma comunidade verbal uma relação discriminativa com o próprio comportamento é improvável. É nesse sentido que é possível dizer que a maior parte dos nossos comportamentos é inconsciente: não estamos respondendo discriminativamente a tudo o que fazemos ou porque fazemos, tampouco desenvolvemos culturalmente práticas de descrição em relação a todos os nossos

comportamentos. São essas práticas de descrição que desenvolvem o que chamamos de consciência.

‘Eu’ e ‘consciência’ costumam ser relacionados a uma autodeterminação do comportamento. É algo que Blanshard (Blanshard & Skinner, 1967) denunciaria na noção skinneriana: a ausência de seu aspecto conativo, de iniciação e direção da ação. Mas sendo o controle de um comportamento a manipulação das variáveis das quais ele é função, o assim chamado aspecto conativo da consciência será justamente um desenvolvimento das práticas de autodescrição, do autoconhecimento.

A discriminação de determinadas variáveis correspondentes ao nosso comportamento pela comunidade verbal, que compõe o autoconhecimento, é pressuposta à manipulação planejada do nosso comportamento, o autogerenciamento. Este, é um tipo de autocontrole, que não passa de sobredeterminações entre repertórios comportamentais distintos de uma mesma pessoa e de um desdobramento prático do autoconhecimento (Tourinho, 1995).

### *Skinner, Perspectivas e a Dificuldade do Problema*

Reunidos os conceitos indispensáveis para lidar com a consciência a partir de Skinner poderemos avaliar onde mora a dificuldade do “problema difícil”. Block (2007) encontra em Nagel (1974/2013) e Chalmers (1995/2004) a identificação e desenvolvimento do problema, que pode se resumir a: como explicar a fenomenalidade fisicamente? Uma vez que Skinner (1967) afirma ser o estofado do mundo um só, lidado de modo bem sucedido pela Física, ele também acaba se comprometendo com o problema. Skinner (1969) chega a formular o problema em outras palavras quando diz que mesmo que a fisiologia avance no sentido de demonstrar algum tipo de formação de cópias do mundo externo numa área qualquer do cérebro humano, ainda assim, seria necessário explicar o que ocorre com um organismo ao ver algo (ou, ao formular uma cópia de algo).

Nagel (1974/2013) argumenta que o caráter subjetivo da experiência, ou o que se pode chamar de experiência consciente, existe se existe algo como é ser um organismo para esse organismo. Ele, então, utiliza como objeto de reflexão o morcego, que possui um esquema perceptivo bem diferente dos humanos, o que nos leva a supor que ele é subjetivamente dissimilar ao que possamos experimentar ou imaginar. Isso leva Nagel (1974/2013, p. 250) a dizer que “não podemos formar nada além de uma concepção esquemática de como é ser um morcego”.

Morcegos possuem um aparato sensorial diferente do humano, o que nos leva a crer que suas respostas sensoriais são diferentes das humanas, citadas na seção anterior. Ou seja, estamos supondo que mudanças físicas dão origem a mudanças fenomênicas. Do ponto de vista de Skinner isso faz completo sentido, uma vez que a fenomenalidade é a responsividade a estímulos, logo, mudados os aparelhos fisiológicos de recepção de estímulos, muda-se a fenomenalidade. Retomamos o problema da consciência fenomênica: como explica-la fisicamente?

Block (2007) coloca quatro perspectivas para esse problema dentro do quadro naturalista: I. Eliminativismo: a consciência fenomênica simplesmente não existe; II. Reduccionismo filosófico ou deflacionismo: a consciência pode ser analisada

conceitualmente em termos não-fenomenais: cognitivos, comportamentais, representacionais ou funcionais; III. Realismo fenomênico ou inflacionismo: A consciência é uma propriedade substancial que não pode ser reduzida em termos não-fenomênicos. Já foi dito que consciência possui papel causal e sua natureza pode ser encontrada empiricamente. O inflacionismo pode ser compatível com a redução empírico-científica da consciência a propriedades neurológicas ou computacionais do cérebro; IV. Dualismo naturalista: perspectiva diversa que pode abarcar a falsidade do materialismo, o pan-psiquismo, e a existência de uma realidade profunda que fundamenta a consciência e a neurociência. É possível dizer com tranquilidade que Skinner, um naturalista e monista, rejeita a perspectiva IV. As demais perspectivas merecem aprofundamento.

É possível defender a existência de um eliminativismo em Skinner, se tomamos como base o monismo que marca sua obra e a negação ontológica de eventos mentais, imateriais, que transcendem as leis do comportamento. No entanto, “eliminar” a possibilidade de existência de um mundo da consciência distinto do mundo físico não significa que não se possa descrever a consciência, inclusive a fenomênica, de um ponto de vista físico e comportamental. Nesse sentido, é possível defender um eliminativismo em Skinner, mas não rejeitar a existência da consciência fenomênica.

Abib (1982), por outro lado, discorda que Skinner seja materialista e eliminativista e defende a caracterização de um monismo fisicalista epifenomênico em sua obra, o que abre espaço para compreender a consciência fenomênica como um efeito físico epifenomênico: é causado por eventos físicos, mas não os sobre-determina de forma importante. A defesa de Abib pode se aproximar do inflacionismo da perspectiva III. O inflacionismo parece ser a perspectiva adotada por Nagel (1974/2013) e também a que Block (2007) se aproxima. Abib não supõe um papel causal importante da experiência subjetiva sobre o comportamento – como o primeiro faz –, nem procura a origem da consciência no cérebro – como o segundo. Abib (1982, p. 98), apenas diz – citando Skinner – que, apesar de que o “que é sentido” seja físico e acessível, o “ato de sentir” é “privado para sempre” e inacessível por princípio. Entendemos “ato de sentir” aqui como a resposta sensorial isolada através de auto-tatos abstratos.

A perspectiva II, deflacionista, pode ser atribuída aos operacionistas e positivistas lógicos que Skinner (1959/1999c) critica, uma vez que se admite ao mesmo tempo a existência da consciência e a sua redução em termos físicos e comportamentais. Para Skinner, não se trata de efetuar uma redução entre termos, mas de fazer avançar uma ciência do comportamento verbal que compreenda os termos que envolvem a consciência como respostas verbais a respeito de outros comportamentos. Nesse sentido, seria possível analisar conceitualmente a consciência fenomênica em termos físicos, mas porque ela mesma se constitui em relações físicas e comportamentais, como parece defender Zilio (2011) quando chama de experiência o comportamento do ponto de vista do sujeito que se comporta.

O conjunto das leituras de Skinner não permite um bom enquadre em nenhuma das perspectivas. Isso porque Skinner: I. Elimina o “mundo imaterial da consciência”, mas habilita a descrição de processos conscientes, dentre eles a consciência fenomênica; II. Analisa a consciência em termos comportamentais, mas não por

redução semântica; III. Admite eventos privados por definição como o ato de sentir, um aspecto da consciência fenomênica, mas sem procura-los no cérebro, nem admitir papel causal importante; IV. É monista.

A consciência, se tratada em sentido lato como a fenomenalidade, o aspecto subjetivo da experiência e/ou a capacidade de responder a estímulos, encontra seu mistério confundido com o próprio mistério da origem da vida. Estar vivo, de um ponto de vista comportamental, é necessariamente guardar um tipo de interação com o ambiente circundante que tem em seu núcleo a responsividade a estímulos. E é algo tomado de maneira muito natural para o behaviorismo radical: se um organismo possui uma história genética e ambiental diferente da minha (e nunca dois organismos possuirão a mesma história) não responderei a estímulos da mesma maneira que ele, não nos comportaremos do mesmo modo na mesma situação. Dizer que “nunca saberei como é ser aquele organismo” não é mais que dizer “nunca serei aquele organismo”.

Todo organismo vivo é capaz de responder a estímulos. E perceber uma resposta sendo executada jamais será o mesmo que executá-la – é aqui que mora o problema difícil. No entanto, um estímulo estimula o organismo como um todo. E no comportamento operante, é o organismo como um todo que se comporta. O fato de que a execução da resposta é diferente de quem percebe para quem executa só passa a ser um problema filosófico ou científico a partir do momento em que o organismo é forçado a discriminar as respostas públicas das respostas privadas na execução de um comportamento. O ambiente que força essa discriminação é sobretudo composto por uma comunidade verbal, que ensina o organismo, agora uma pessoa, a tatear-se e, nesses tatos, abstrair o aspecto privado do comportamento. É só aqui que conseguimos falar estritamente de uma consciência fenomênica. É só com o aprendizado de auto-tatos abstratos de respostas sensoriais que um organismo possui consciência da sua fenomenalidade. É só assim que um organismo passa a ficar sob o controle de propriedades privadas do seu comportamento, dando origem a um Eu/self e originar uma causalidade da “consciência” sobre outras respostas comportamentais, o que permite o autocontrole.

Todavia, a capacidade de discriminar aspectos privados do comportamento, as “características qualitativas da experiência” que muitos chamaram de qualia, ainda não institui um problema científico significativo. É de fato interessante de um ponto de vista filosófico se deparar com os limites de imaginar como é ser outro animal, mas do ponto de vista científico de controle e predição isso é irrelevante. O fato de que eu e um morcego, ou até mesmo outra pessoa, possamos ter qualias distintos frente à mesma estimulação não nos impede de controlar e prever o comportamento do morcego, nem impede a comunicação e o entendimento entre mim e outra pessoa. Isso porque a comunidade verbal que origina a discriminação dos qualia o faz através de auto-tatos abstratos, que realizam uma função prática. A própria discriminação já ocorre em submissão a comportamentos governados por regras em uma comunidade. Nesse sentido, é possível imaginar que alguém veja tudo em cores invertidas, vendo o qualia branco onde vejo preto e vice-versa, sem que a comunicação colapse.

O próprio qualia deve sua singularidade à combinação entre um aparelho sensorial e o ensino de auto-tatos abstratos por uma comunidade verbal. Ou seja, só se singulariza na medida em que um estímulo é discriminado verbalmente por alguém. A diferença entre qualias é a diferença entre estímulos discriminados verbalmente por um organismo portador de um aparelho sensorial específico.

### *Considerações Finais*

O tratamento behaviorista radical da noção de consciência encontra algumas definições. Os realizados mais diretamente por Skinner encontram na consciência um produto social, enquanto a extensão de autores como Zilio (2011) permitem encontrar na consciência um produto biológico. Em sentido lato e intransitivo, “estar consciente” é estar amplamente responsivo a estímulos. Uma pedra não é consciente, pois não responde a estímulos, enquanto que eu, um morcego e um rato somos conscientes nesse sentido. Nesse aspecto, consciência é um produto biológico. Esse seria o ponto de vista do organismo que se comporta sobre o seu comportamento, objeto do problema difícil e que Zilio (2011) chamou de consciência fenomênica.

Existem usos que restringem o termo ao equivaler estar consciente a conhecer. Então não basta aqui estar responsivo a estímulos, mas exibir um comportamento discriminativo em determinado ambiente, como o rato que está consciente do labirinto porque sabe sair dele, manifestando o que Skinner chamou de conhecimento por contato. O conhecimento de si por contato caracteriza o que Zilio (2011) chamou de consciência não-verbal. Falamos que o desenvolvimento do equilíbrio parece envolver níveis de consciência não-verbal, chamado cotidianamente de consciência corporal. Essa definição de consciência caracteriza um produto ontogênico: independe de uma sociedade para ser desenvolvido, mas não se basta na dotação biológica. Requer uma sucessão de interações com o ambiente físico para ser desenvolvida.

O conhecimento por descrição é aquele que dá origem à consciência tal como ela é trabalhada diretamente na obra de Skinner. Descrever é um comportamento governado por regras, o que significa que pode ser aprendido sem a submissão direta às contingências descritas. Posso descrever a personalidade de Lênin sem nunca ter estado em contato com ele. Nomear e descrever são termos cotidianos para tipos de tato, que são respostas verbais reforçadas por propriedades de um ambiente ou situação estimuladora. O próprio ato de nomear propriedades do ambiente físico, situações estimuladoras, requer uma comunidade verbal em desenvolvimento. O tato que discrimina o comportamento do próprio falante exige um desenvolvimento ainda maior dessa comunidade, especialmente se se trata de um tato de eventos privados. O desenvolvimento da cultura é pressuposta ao desenvolvimento de auto-tatos, que manifesta o que chamamos de autoconhecimento ou consciência verbal.

O desenvolvimento de auto-tatos produz respostas sensoriais discriminativas importantes em relação ao nosso próprio comportamento – em sua topografia, função e repertório –, o que coloca sistemas de respostas de uma pessoa sob o controle de outro sistema de respostas, na relação que chamamos de autocontrole ou aspecto conativo da consciência.

Além de favorecer o desenvolvimento de autocontrole, a consciência verbal incide sobre todos os outros tipos de consciência citados. O desenvolvimento de consciência corporal, por exemplo, é mais bem desenvolvido se controlado por regras que forcem a discriminação de determinados estímulos proprioceptivos.

A noção de que a consciência se desenvolve e se realiza através de auto-tatos possibilita o desenvolvimento de pesquisas em campos como o jurídico com os conceitos de “intenção” e “dolo”, assim como no das políticas públicas com os conceitos de “conscientização”. Como o conceito de auto-tato permite determinarmos quando houve intenção em um crime? Como uma campanha de conscientização precisa ser feita para que haja de fato o desenvolvimento não só de auto-tatos, mas de autocontrole para o público alvo? Essas perguntas conduzem pesquisas que rompem com um certo paradigma comum a concepções modernas, que entende a consciência como determinante em última instância da vida humana e inescrutável por princípio.

O efeito do desenvolvimento de auto-tatos nas respostas sensoriais é de especial interesse aqui. Até que a comunidade verbal treine uma pessoa para abstrair propriedades privadas do seu comportamento, suas respostas públicas e privadas a uma situação estimuladora são indiscriminadas. O auto-tato que abstrai eventos privados coloca a pessoa sob um controle desse tipo de estimulação que não pode mais se resumir a um “elo intermediário na cadeia causal” apontado por Skinner (1953/2003). Supomos ser essa relação aquilo que Skinner insiste em chamar de “ver-que-está-vendo”.

Talvez seja exatamente aqui onde more a realidade da consciência fenomênica. Ela não passa de um produto da discriminação verbal sobre respostas sensoriais, portanto, é também produto social, embora esse caráter lhe seja muitas vezes ignorado. E “respostas sensoriais” não diz mais que o “modo como um organismo vivo vivencia o mundo”. Ela difere a partir de variadas dotações filo e ontogenéticas e o mistério de sua origem remete ao mistério da origem da própria vida. Predizer e controlar comportamentos conscientes independe de desvendar esse mistério ou de descobrir para eles um correlato cerebral. É isso que nos permite dizer que o assim chamado problema difícil da consciência é solucionado parcialmente pela ciência skinneriana. Através dela podemos dizer como acontecimentos físicos e sociais possibilitam nossa fenomenalidade, ainda que reste o quinhão do problema que cabe ao biólogo: o de explicar a gênese da vida e, com ela, a gênese da capacidade orgânica de vivenciar fenômenos.

## REFERÊNCIAS

- Abib, J. A. D. (1982). Skinner, materialista metafísico? “Never mind, no matter”. In: Bento Prado Jr. (Org.), *Filosofia e comportamento* (pp. 92-110). São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Blanshard, B. & Skinner, B.F. (1967). Problem of consciousness - A debate. *Philosophy and Phenomenological Research*, 27 (3), 317-337.
- Block, N. (2007). *Consciousness, function and representation*. Cambridge: Bradford Books.

- Carnap, R. (1933). Psychology in physical language. *Erkenntnis*, 3, 107-42.
- Chalmers, D. (2004). O enigma da experiência consciente. <https://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/Chalmers-port-2.pdf>
- De Rose, J. C. (1982). Consciência e propósito no behaviorismo radical. In: Bento Prado Jr. (Org.), *Filosofia e comportamento* (pp. 67-91). São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Hacker, P. M. S. (2002). Is there anything it is like to be a bat? *Philosophy*, 77 (300), 157-74. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/3752108>.
- Holland, J. G. (1981). Consciousness and radical behaviorism. In: R. Valle & R. V. Eckartsberg (Eds.), *Metaphors of consciousness*. Nova York, Londres: Plenum Press.
- Machado, L. M. de C. M. (1997). Consciência e comportamento verbal. *Psicologia USP*, 8 (2), 101-107. <https://doi.org/10.1590/psicosp.v8i2.107589>
- Mucheroni, N. (2020). *O conceito de comunidade verbal na obra de B. F. Skinner*. 2020. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Experimental) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Nagel, T. (2013). Como é ser um morcego? (1974). *Revista da Abordagem Gestáltica*, 19(1), 109-115. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672013000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100014)
- Skinner, B. F. (1976). *About behaviorism*. Nova York: Vintage Books.
- Skinner, B. F. (1982). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix. (Trabalho original publicado em 1976).
- Skinner, B. F. (1999a). A critique of psychoanalytic concepts and theories. In: *Cumulative Record*. Cambridge: B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1959).
- Skinner, B. F. (1999b). *Cumulative Record*. Cambridge: B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1959).
- Skinner, B. F. (1999c). The operational analysis of psychological terms. In: *Cumulative Record*. Cambridge: B. F. Skinner Foundation (Trabalho original publicado em 1945).
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano*. 11ª ed. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1953).
- Skinner, B. F. (2005). O Eu iniciador. In: *Questões recentes na análise comportamental*. 5ª Ed. Papyrus Editora. (Trabalho original publicado em 1989).
- Skinner, B. F. (2014). *Verbal behavior*. Cambridge: B. F. Skinner Foundation. (Trabalho original publicado em 1957).
- Tourinho, E. Z. (1995). *O autoconhecimento na psicologia comportamental de B. F. Skinner*. Belém: Ed. UFPA.
- Watson, J. B. (2008). A psicologia como o behaviorista a vê. *Temas em Psicologia*, 16 (2), 289-301. (Trabalho original publicado em 1913). [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2008000200011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011)
- Zilio, D. (2011). Consciência verbal, não-verbal e fenomênica: Uma proposta de extensão conceitual no behaviorismo radical. *Revista Brasileira de Terapia*

*Comportamental e Cognitiva*, 13(1), 4-19. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55452011000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452011000100002)

*(Received: November 15, 2022; Accepted: March 19, 2023)*

